

"Pensar o que estamos fazendo": o conceito de processo e o pensamento antropocêntrico

Klaus Ramalho von Behr, Yara Adario Frateschi

Resumo

A partir do estudo da obra *A Condição Humana* (1958) de Hannah Arendt, a presente pesquisa se propôs a investigar o surgimento e cristalização de um pensamento antropocêntrico, no qual vida humana torna-se o centro e a medida de todas as coisas, dentro do contexto histórico da modernidade (com a revolução científica e industrial) e na análise de um conceito fundamental desse período, qual seja, o conceito de processo.

Palavras-chave: *homo faber*, moderno conceito de processo, antropocentrismo

Introdução

A pesquisa se insere dentro de um problema que perpassa o livro *A Condição Humana* (1958): o rompimento forçado da fronteira entre o mundo humano e a natureza. De acordo com Arendt, uma das condições da vida humana seria a mundanidade, o fato de que o ser humano tem a capacidade de fabricar, a partir da matéria prima que a natureza oferece, um mundo humano durável, que estabilize a vida humana contra os movimentos constantes das forças da natureza. Entretanto, Arendt argumenta que, a partir do contexto da era moderna, “os ideais do *homo faber*, fabricante do mundo, que são a permanência, a estabilidade e a durabilidade, foram sacrificados à abundância, o ideal do *animal laborans*”¹. Uma das consequências dessa mudança de ideal do *homo faber*, que teria se alienado da condição da mundanidade para ater-se à condição antropocêntrica da própria vida e da sua necessidade por abundância, seria, de acordo com Arendt, o rompimento da fronteira entre mundo e natureza, e assim, conseqüentemente, a introdução da imprevisibilidade e irreversibilidade da ação humana no reino da natureza. Nesse sentido, o objetivo da pesquisa foi a de compreender essa mudança de mentalidade do *homo faber* no contexto da modernidade a fim de julgar melhor seus desdobramentos no presente.

Resultados e Discussão

Com o objetivo de compreender o surgimento e cristalização do pensamento antropocêntrico, a pesquisa se voltou para o contexto da modernidade e o conceito de processo, pois, segundo Arendt “o que mudou a mentalidade do *homo faber* foi a posição central do conceito de processo da modernidade”². O elemento principal que teria contribuído para a formação desse conceito foi com o surgimento da ciência moderna e seu novo método de investigação científica a partir do experimento, que se pautava não mais pela tradicional contemplação dos fenômenos como eles aparecem, mas sim da invenção de ferramentas a fim de reproduzir no experimento os processos escondidos que fazem o fenômeno aparecer. Nesse sentido, a noção de processo estaria atrelada com a noção de verdade, elevando assim esse conceito a um novo patamar na modernidade. Outro elemento fundamental para o elevação do conceito de processo que mudaria a mentalidade do *homo faber* foi com o advento da Revolução Industrial que a partir da

introdução da automação da máquina substituiu o tradicional processo de fabricação do artesão em um processo de abundância sem fim da esteira da linha de montagem. Esses dois elementos teriam sido fundamentais para a mudança de mentalidade do *homo faber* que a partir da centralidade do processo na modernidade teria se alienado da sua finalidade principal em construir um mundo durável para se ater ao próprio processo de produção.

Conclusões

A partir do contexto da modernidade, com o fim da tradicional experiência da contemplação e a introdução da automação do trabalho pela máquina, o *homo faber* teria mudado sua mentalidade, não mais guiado pela sua finalidade principal de construir um mundo de estabilidade e durabilidade que abrigasse as gerações presentes e futuras, mas sim ao seu próprio processo de fabricação e, desta forma, estaria atrelado a uma mentalidade antropocêntrica, vinculado a uma lógica de infinito processo do metabolismo do homem com a natureza para sanar as necessidades do *animal laborans*. Entretanto, como nos atenta Arendt, sem as fronteiras de um mundo interposto entre o homem e a natureza, só pode redundar não apenas na devastação do mundo, mas também da própria natureza, pois, com o automatismo das modernas máquinas e seu processo de abundância, “é como se houvessemos rompido à força as fronteiras distintivas que protegiam o mundo, o artifício humano, da natureza tanto o processo biológico que prossegue dentro dele quanto os processos naturais cíclicos que o rodeiam, entregando-lhes e abandonando-lhes a sempre ameaçada estabilidade de um mundo humano”³

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos à orientação da professora doutora Yara A. Frateschi e ao apoio financeiro do SAE/Unicamp através do programa PIBIC. Amparos estes que foram essenciais para a realização desta pesquisa.

¹ ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: editora Forense Universitaria., 2014, pp 155.

² *Ibidem*, pp 380.

³ *Ibidem*, pp 155.